

# **Gestão da Informação no Contexto Empresarial**

**Alexandre Oliveira de Meira Gusmão** (UFMT) - aomgusmao@hotmail.com

**Bárbara Torres de Almeida** (UFMT) - biblio-barbara@hotmail.com

**Aroldo Paes Barbosa** (UFMT) - aroldopaesbarbosa@gmail.com

**Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana** (UFMT) - camilamcd@gmail.com

## **Resumo:**

*Apresenta o contexto de surgimento da gestão da informação, as relações existentes entre as diversas disciplinas que contribuem para o gerenciamento da informação e argumenta que é necessário compreender que fatores culturais e organizacionais influenciam na adoção e implementação de práticas de gerenciamento da informação nas organizações.*

**Palavras-chave:** 1. Gestão da informação. 2. Bibliotecários. 3. Modelos gerenciais.

**Área temática:** *Temática II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação*



## Gestão da Informação no Contexto Empresarial

### Resumo:

Apresenta o contexto de surgimento da gestão da informação, as relações existentes entre as diversas disciplinas que contribuem para o gerenciamento da informação e argumenta que é necessário compreender que fatores culturais e organizacionais influenciam na adoção e implementação de práticas de gerenciamento da informação nas organizações.

**Palavras-chave:** 1. Gestão da informação. 2. Bibliotecários. 3. Modelos gerenciais.

**Área Temática 2:** Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação.

## 1 INTRODUÇÃO

Nem sempre, na literatura, as expressões utilizadas representam significados uniformes. Surge, então, a necessidade de conceituá-las, conforme a visão de alguns autores. Desta forma, a seguir são conceituados os termos informação e gerenciamento da informação, na intenção de garantir a melhor compreensão de seu significado no âmbito deste artigo.

Para Synnot (1981), a informação é um recurso assim como o capital, a força de trabalho e os equipamentos. Como tal, a informação tem seu valor (para coletar, armazenar, processar e disseminar), tem qualidades (tais como: oportunidade, exatidão, forma), e é controlável (pode ser computada e gerenciada).

Na concepção de Drucker (apud DAVENPORT, 1998), as informações são dados dotados de relevância e propósito. E os dados, segundo Davenport (1998, p. 15), podem ser considerados como “um conjunto de fatos distintos e objetivos, relativos a eventos”. McGee e Prusak (1994) também descrevem algumas características de dados e informações, como se segue.

A informação não se limita a dados coletados; na verdade informações são dados coletados, organizados, ordenados, aos quais são atribuídos significados e contextos. Informação deve informar, enquanto os dados absolutamente não tem essa missão. A informação deve ter limites, enquanto os dados podem ser ilimitados. Para que os dados se tornem úteis como informação a uma pessoa encarregada do processo decisório é preciso que sejam apresentados de tal forma que essa pessoa possa relacioná-los e atuar sobre eles (McGEE; PRUSAK, 1994, p. 23-24).



Pode-se constatar pelas ações do dia a dia que a informação sempre existiu e esteve presente no nosso contexto, mas a sociedade vem mudando – especificamente com a transformação marcante de sociedade industrial para a sociedade da informação – e os conceitos de informação vêm-se adaptando.

Numa sociedade pós-industrial em que os serviços substituíram os bens materiais no cerne da produção, os modos de desenvolvimento são os procedimentos mediante os quais trabalhadores atuam sobre a matéria para gerar o produto. Castells (1999) destaca o enfoque da informação de acordo com o modo de desenvolvimento, na seguinte passagem:

Cada modo de desenvolvimento é definido pelo elemento fundamental à promoção da produtividade no processo produtivo. Assim, no modo agrário de desenvolvimento, a fonte do incremento de excedente resulta dos aumentos quantitativos de mão-de-obra e dos recursos naturais (em particular a terra) no processo produtivo, bem como da dotação natural desses recursos. No modo de desenvolvimento industrial, a principal fonte de produtividade reside na introdução de novas fontes de energia e na capacidade de descentralização do uso de energia ao longo dos processos produtivos e de circulação. No novo modo informacional de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimentos e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação (CASTELLS, 1999, p. 34-35).

Eaton e Bawden (1991) ressaltam algumas diferenças-chaves entre a informação e os recursos tangíveis. As características da informação que evidenciam sua distinção são as seguintes: (1) Valor da informação – o valor da informação não é prontamente quantificável, pois a informação não tem valor intrínseco, seu valor depende de seu contexto e de seu uso; (2) Consumo da informação - a informação não é perdida quando é dada a alguém, seu compartilhamento e transmissão podem causar acréscimo; (3) Dinâmica da informação – a informação não pode ser considerada como um recurso estático que se acumula e estoca dentro de sistema confinado, mas sim como uma força dinâmica dentro do sistema no qual está inserida; (4) Ciclo de vida da informação – a idéia de ciclo de vida é uma simplificação imprópria, pois a informação pode possuir múltiplos ciclos de vida e serem extremamente variáveis; (5) Individualidade da informação – a informação aparece de diferentes formas e é expressa de diferentes maneiras, mas somente toma valor no contexto de uma situação individual.



Segundo Rowley (1998), cada disciplina possui um entendimento da natureza da informação. Existem diferentes interpretações, por parte de pessoas de diferentes campos e profissões, quanto ao que é informação, ou como avaliar as diferentes definições. As contribuições acerca do entendimento da natureza da informação vêm da teoria da comunicação; ciência da informação e biblioteconomia; sistemas de informação; ciência cognitiva; administração organizacional; e uma gama de outras disciplinas. A seguir estão resumidas estas contribuições.

De acordo com Jellis (1998), o livro “A teoria matemática da comunicação”, publicado em 1946, continha dois artigos. O primeiro do Dr. Warre Weaver apresentava um sumário não matemático do segundo artigo do Dr. Claude Shannon. Desde então, tornou-se um clássico para cientistas sociais e físicos interessados em linguagem, comunicação e significado. Desta forma, a contribuição da teoria da comunicação, veio por Shannon e Weaver com a definição formal e quantificável de informação. Eles sugeriram que a quantidade de informação numa mensagem é relativa ao que alguém fala, ou seja, o fator chave é o tamanho do vocabulário. Apesar da teoria da comunicação não estar diretamente envolvida com valores e significados, do modo como são normalmente entendidos nas ciências sociais, ou na vida cotidiana, suas idéias ajudam no estudo da informação em qualquer contexto.

Para Choo (1995), a informação estratégica da organização: é mais do que apenas um fator de produção. A informação é um recurso que possibilita a efetiva combinação e utilização de outros fatores de produção, é um meta-recurso que coordena a mobilização dos outros ativos na internação de melhorar o desempenho da organização.

Não apenas fatores técnicos devem ser considerados, mas uma combinação de fatores, pois a maioria deles refere-se a aspectos comportamentais e sociais associados com a comunicação da informação, como mostra Rowley (1998), ao destacar que o valor da informação deriva do seu efeito no comportamento de decisão. Se a informação não conduz à decisão ou ação, ela é sem valor. Enquanto que a informação quando usada para apoiar uma decisão de sucesso é possível identificar que ela tem um valor intrínseco.

Sendo assim, se a informação apoia uma tomada de decisão efetiva, ela deve possuir as seguintes características: (1) ser relevante para seu propósito; (2) ser suficientemente precisa para seu propósito; (3) ser tanto completa quanto



apropriada; (4) ser originária de uma fonte confiável; (5) ser comunicada para pessoa certa; (6) ser oportuna; (7) mostrar o correto nível de detalhe; (8) ser comunicada por, ser de um adequado canal de comunicação; (9) ser compreensível pelo usuário; e (10) ter consistência (ROWLEY, 1998).

## 2 AS ABORDAGENS PROFISSIONAIS

Especificamente, os profissionais da informação e da Biblioteconomia desenvolveram sistemas para aquisição, estocagem e recuperação de documentos para satisfazer as necessidades de seus clientes. Para a disciplina de sistemas de informações, o conhecimento deve ser expresso ou representado de uma maneira física como um sinal, texto ou comunicação. Nesta perspectiva os dados são coletados e o sistema traduz os dados para a informação. Este sistema envolve *hardware*, *software*, e também o usuário. Por sua vez, a ciência cognitiva refere-se à maneira na qual o cérebro processa a informação. Nesta abordagem, a ênfase está no usuário como indivíduo processador de informação e em suas percepções quanto a interface com os sistemas de informação.

Na abordagem da administração organizacional prevalece a ligação das estruturas organizacionais com a exigência do processamento da informação, ou seja, as organizações serão mais efetivas quando existirem uma combinação das necessidades de processamento informacional da organização e a capacidade em processar informações de suas estruturas. A capacidade das organizações em enfrentar mudanças depende de sua capacidade em adquirir e processar os tipos certos de informação, especialmente sobre o ambiente.

Para outras disciplinas profissionais, a informação é poder, e muitas fontes de poder dentro das organizações estão relacionadas ao acesso e controle da informação. Nesta perspectiva, a informação é um recurso objetivo, tangível, que pode ser gerenciado como os outros fatores de produção.

Quanto ao conceito de gerenciamento da informação, este também já foi exaustivamente explorado por inúmeros autores como G. H. Hoxie e Donald M. Shera, que usaram este termo pela primeira vez em 1976 como expressão “para



uma abordagem organizacional que abrange todas as fontes de informação de uma corporação” (SAVIC, 1992, p. 128). O gerenciamento pode ser entendido como a administração da inteligência corporativa, com o intuito de aumentar a eficiência da organização.

De acordo com Best (1988), o gerenciamento da informação é a coordenação econômica, eficiente da produção, controle, estoque, recuperação e disseminação da informação de fontes externas e internas, com o propósito de melhorar o desempenho da organização.

Para Vickers (1985), é razoável que o gerenciamento da informação venha sendo tratado como uma disciplina profissional, assim como a ciência da informação ou o processamento de dados. Ela refere-se a conceitos, habilidades, teorias e técnicas, mas faz-se necessário definir gerenciamento da informação em termos das atividades que compoem, das pessoas envolvidas e do treinamento necessário para as pessoas. É necessário um tipo de definição que leve em consideração a organização, ou seja, uma definição para deixar claro o significado do gerenciamento da informação em termos organizacionais.

McGee e Prusak (1994) examinaram empresas ao longo de dois anos e constataram que grande parte delas pode estar próxima do fracasso por não administrar a informação.

Nessas empresas, as iniciativas de gerenciamento da informação foram inadequadas para a mentalidade política da empresa, ou a gerencia de informação tratada como parte periférica e não como parte integrante das iniciativas. Nos estudos de 25 empresas, identificaram cinco estilos (“estados”) de gerencia da informação, como segue: (1) Utopia Tecnológica – abordagem altamente tecnológica do gerenciamento da informação que enfatiza a classificação e a modelagem do patrimônio de informação de uma organização; (2) Anarquia – ausência completa de uma gerencia de informação; (3) Feudalismo – gerenciamento das informações realizado por unidades de negócios ou unidades funcionais; (4) Monarquia – classificação de definição do fluxo da informação feita pelos líderes da empresa; e (5) Federalismo – abordagem de gerenciamento da informação baseada no consenso a na negociação de elementos de informação-chave e no fluxo da informação para a organização (McGEE; PRUSAK, 1994).



Vickers (1985) traçou um “quadro de identificação” mostrando como o gerenciamento da informação deveria ser constituído; esta descrição foi baseada parcialmente em teoria, mas principalmente na observação de tendências de uma gama de diferentes organizações. As características identificadas por meio dessas observações são as seguintes:

I. A informação como recurso. A informação considerada como recurso requer gerenciamento próprio, como capital, mão-de-obra e matérias a noção de informação como recurso está se tornando amplamente aceita em determinados ambientes, mas nem todos acreditam nesta afirmativa. Num ambiente comercial, a informação pode ser considerada um recurso possível de ser explorado para aumentar o lucro e manter a competitividade.

II. Alguém deve ser o responsável pelo gerenciamento da informação. Alguém, na organização deve ser designado como responsável pelo gerenciamento da informação. Esta afirmativa vem da lógica que diz que se a informação é um recurso que requer gerenciamento próprio, então alguém deve gerenciá-la.

Geralmente, o tamanho da organização está diretamente relacionado com a disponibilidade do profissional em exercer a função de gerenciador da informação, pois se costuma, em organizações menores, acumular-se funções; portanto, o importante é que seja designado um profissional com autoridade para gerenciar a informação como recurso e que seja treinado para tal.

III. Gerenciamento da informação significa planejamento e coordenação do uso das habilidades, tecnologia e fontes da informação. Gerenciar a informação não diz respeito simplesmente a documentos, mensagens e dados, mas a todo o aparato da informação, o qual, na maioria das organizações hoje em dia está em um estado de anarquia. Portanto, gerenciar a informação significa trazer alguma ordem para o caos.

IV. Coordenação deve ser também aplicada para toda despesa em sistema e recurso de informação. Gerenciamento da informação significa coordenar despesas em sistemas e recursos da informação, como um corolário natural do item anterior. O responsável pelo gerenciamento da



**CBBB**  
ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
BIBLIOTECAS,  
INFORMAÇÃO E  
USUÁRIOS

**XXV. CBBB • BIBLIOTECAS, INFORMAÇÃO, USUÁRIOS**  
ABORDAGENS DE TRANSFORMAÇÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
7 A 10 DE JULHO DE 2013 • FLORIANÓPOLIS - SC

informação deveria controlar o orçamento para cada despesa, o que na maioria das organizações não é tarefa das mais fáceis.

V. Gerenciamento da informação acarreta constante consciência para novos desenvolvimentos. Gerenciamento da informação requer um conhecimento dos padrões de fluxos da informação dentro da organização, e assim acarreta o uso de métodos sistemáticos de mapeamento e monitoramento de tais fluxos. Se os métodos para aquisição, transferência, estocagem e acesso da informação devem ser corretamente gerenciados, é desejável que o gerente de informação tenha algum conhecimento dos processos envolvidos. De maneira ideal, o gerente de informação deveria estar apto a aplicar métodos aprovados para medir e monitorar fluxos de informação dentro da organização e para avaliar sua eficiência.

A informação, se considerada como recurso, é importante para a organização e para os elementos da organização. Sua importância pode ser demonstrada através do modo como ela é usada, por quem, e para quê; ressaltando o propósito de contribuir para o contexto no qual está inserida.

### **3 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

Como dito anteriormente, a informação sempre existiu e esteve presente no nosso dia a dia, mas como seus enfoques tomaram novas abordagens, faz-se necessário acompanhar a sua perspectiva histórica ao longo de quatro fases, segundo a visão de Savic (1992).

a) Num primeiro momento, do início do século XX até 1950, o enfoque era no fluxo de papel, relatórios, correspondências, etc. e a respectiva tecnologia centrava-se na máquina de escrever, no telefone, armários e microfones. Essa fase demonstra o controle físico da informação.



- b) Entre 1960 e 1970, na fase da gerencia de tecnologia automatizada, prevalecia à eficiência técnica e o controle da informação por meio de computadores e processadores de texto.
- c) Na fase da gerencia de recursos informacionais data de 1970 á 1980 com ênfase na gerencia integrada das tecnologias de informação e a integração de sistemas manuais e automatizados por meio de dados distribuídos e computadores pessoais.
- d) No momento atual caracterizado pela gerencia do conhecimento que enfatiza os sistemas baseados em conhecimento, sistema de apoio a decisão e sistemas inteligentes com influencia da tecnologia da informação nas decisões operacionais e gerencias.

Segundo Savic (1992), diferentes possibilidades de se estudar a evolução da Gestão da Informação (GI) estão disponíveis á escolha dos pesquisadores. O desencadeamento da GI pode ser atribuído a três eventos: explosão da informática, proliferação dos papeis, e o uso extenso de tecnologias que lidam com a informação.

Para Cronin (1990), na última década, o gerenciamento da informação evoluiu de uma função de suporte (voltado principalmente para o controle de papeis), para uma atividade estratégica, planejada para a melhoria do desempenho e da produtividade organizacionais.

Um dos primeiros documentos publicados que se tem noticias e que mencionou o termo gestão da informação, foi o livro do americano Forest Horton Jr. "How to harness information resources: a systems approach (Como utilizar os recursos informacionais: uma abordagem de sistemas)". O referido livro, publicado em 1974 pela Association for Systems Management trata, sob uma perspectiva integrada, de gerenciamento de sistemas de informação, sistema de gerenciamento de recursos informacionais, necessidades e uso da informação, fontes de informação, processamento e manuseio de informação, apresentação da informação e comunicação (CRONIN, 1990).

Deste modo, o termo gestão da informação tomou corpo na década de 1970 nos Estados Unidos, quando o excesso de formulários, relatórios e outros tipos de papeis, geraram uma preocupação com a gerência da informação. Uma comissão



do Governo Americano, denominada Comissão Federal Sobre Fluxo de Papel, foi criada para resolver o problema do processamento de papéis enfrentados pelos departamentos e agências do governo (CRONIN, 1990).

Na metade da década de 1970, o governo americano criou a Comissão Federal Sobre Fluxo de Papeis (Commission on Paperwork), que ressaltou a enormidade do problema de processamento de papéis enfrentado pelos departamentos e agências do governo. (CRONIN, 1990, p 196).

Em 1980, o Ato de redução de Fluxo de Papeis (Paper Reduction Act) foi aprovado, tratando a informação como um recurso passível de ser explorado e mostrando que suas características são semelhantes às de um produto. Em 1987, o Governo Britânico emitiu um relatório “Administrando a Informação como Recursos”, que apontava os benefícios do uso eficaz da informação e garantindo seu eficiente gerenciamento. O objetivo básico do governo britânico era racionalizar o processo de busca, disseminação e uso da informação governamental. (CRONIN, 1990).

A Gestão de Recursos de Informação (GRI), proposta por alguns autores como conceito, estratégia, filosofia, teoria ou função, pode também ser considerada como a integração de todos estes itens. Bergeron (1996), por exemplo, direciona o seu foco na perspectiva integrada, com o intuito de mostrar que o efetivo gerenciamento da informação pode permitir a resolução de problemas informacionais, propõe duas abordagens – a tecnológica e a integradora.

Na abordagem tecnológica, a GRI é vista como gerenciamento da tecnologia da informação, tendo seu foco direcionado para a gerência adequada dos sistemas informatizados, concentrando-se na informação produzida internamente nas organizações. A princípio, essa perspectiva lidava apenas com a informação produzida internamente, mas com a evolução da importância na monitoração do ambiente externo, a perspectiva deslocou o seu foco, abrangendo uma visão integral (BERGERON, 1996).

O'Brien e Morgan (apud BERGERON, 1996), definem a GRI como sendo o gerenciamento de recursos de sistemas informacionais para o benefício estratégico e operacional da organização. Segundo esses autores, a GRI contém cinco componentes:



**CBBB**  
ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
BIBLIOTECAS,  
INFORMAÇÃO E  
USUÁRIOS

**XXV. CBBB • BIBLIOTECAS, INFORMAÇÃO, USUÁRIOS**  
ABORDAGENS DE TRANSFORMAÇÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
7 A 10 DE JULHO DE 2013 • FLORIANÓPOLIS - SC

- I – Gerenciamento de recursos (dados, informação, software e hardware);
- II – Gerenciamento tecnológico sob a direção de um Chef Information Officer (CIO);
- III – Gerenciamento funcional (aplicação de técnicas gerenciais para recursos de sistemas de informação):
- IV – Gerenciamento estratégico desses recursos;
- V - Gerenciamento distribuído (distribuição de responsabilidade para o desenvolvimento, operação e gestão de sistemas de informação). Sob estas perspectivas, as atividades de GRI incluem itens como planejamento dos dados (tipos e fluxos), planejamento de capacidade, seleção de aplicação, desenvolvimento de sistemas de informação, gerenciamento de projeto, aquisição de hardware e software, integração de tecnologia e sistemas, e administração de dados. Considerando que a maioria dos componentes é tecnologia de informação.

A GRI seria a integração das funções de informação como gerenciamento de sistemas de informação, automação de escritório e sistemas de comunicação, numa abordagem holística para se disseminar a informação dentro da organização.

Segundo Bergeron (1996), a idéia da GRI como função integrada foi proposta na década de 1960 por Robert S Taylor. No entanto, o conceito tornou-se mais visível nas décadas de 1970 e 1980, devidos, em parte, à adoção e implementação do “Ato de Redução de Fluxo de papeis” em 1980. Pelo governo americano.

Na abordagem integradora, a meta é armazenar informações ou dados de qualidade; atender a prazos; e ter precisão para suportar os processos organizacionais com custo mínimo. A perspectiva integral é definida como sendo uma abordagem e função gerencial que procura integrar e harmonizar as fontes, serviços e sistemas organizacionais ligados à informação e criar sinergia entre os recursos internos e externos de informação.

Esta perspectiva enfatiza a identificação dos processos e fluxos informacionais de uma organização diante dos objetos de negocio, a gestão do ciclo de vida informacional, o desenvolvimento de habilidade e competências profissionais



no que se refere ao lidar com a informação, e a otimização do uso dos recursos de processamento de informações.

O enfoque nas habilidades profissionais é dado, através de citações, de diversas atividades de bibliotecários, programadores, projetistas de sistemas e dentre outros, o gestor de informação, que em alguns casos é referido como CIO (Chief Information Officer). Ainda segundo Bergeron (1996), a perspectiva da GRI é possível por meio de quatro fundamentos básicos:

- (1) Reconhecimento da informação como recurso de agregação de valor;
- (2) Reconhecimento da GRI como disciplina integradora;
- (3) Reconhecimento da noção do ciclo da vida de uma informação e;
- (4) Reconhecimento de que a informação e sua gestão devem apoiar os processos de negócios da organização.

Pode-se perceber que algumas vezes as divisões e delimitações das perspectivas possuem apenas cunho didático para facilitar a compreensão, tornando-se claro que, de forma geral, o gerenciamento da informação pode ser considerado uma estratégia das organizações em trabalhar efetivamente a informação no intuito de resolver problemas informacionais.

Como era esperado, o recurso informacional das empresas está se tornando mais valioso à medida que a informação progride. A quantidade de informação coletada, estocada e disseminada pelas organizações cresce a cada dia. Produtos e serviços compostos de informações estão proliferando e as empresas que lidam com tecnologia da informação e da comunicação estão usando recursos os mais avançados para acompanhar essa evolução. O avanço da utilização e da valorização dos recursos informacionais demanda das empresas competitivas que estas ultrapassem suas fronteiras e aproximem-se dos fornecedores e clientes no intuito de melhorar a qualidade e eficiência de seus serviços, aumentando a lucratividade e galgando sua posição no mercado através da adequada utilização de seus recursos informacionais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gerenciamento da informação pode ser vista hoje uma convergência de varias disciplina como Ciência da Computação, Analise de Sistemas, Ciência da Informação, Biblioteconomia e Administração, confirmando a necessidade de um compartilhamento entre as áreas que pode ser caracterizado pela busca de efetiva interdisciplinaridade.

Visto como uma convergência de conhecimento e habilidade de uma variedade de profissões, o gerenciamento da informação tem como exemplo dessa interação a própria Ciência da Informação (CI). A CI nasceu da necessidade de solução de um problema (explosão informacional na década de 1950), e se constitui como disciplina a partir da troca de conhecimento e experiências de profissionais e pesquisadores de varias áreas.

É necessário compreender que fatores culturais e organizacionais influenciam na adoção e implementação de praticas de gerenciamento da informação nas organizações. A intenção dessas organizações de extrair o máximo potencial de seus recursos informacionais vem juntamente com a necessidade de se implementar um gerenciamento satisfatório desses recursos, podendo assim, beneficiarem-se desse processo de gerenciamento da informação .

## REFERÊNCIAS

BERGERON, Pierrette. Information resources management. Annual Review of Information Science and Technology, v. 31, p. 263-300, 1996.

BEST, David P. The Future of information management. International Journal of Information Management, v. 8, n. 1, p. 13-24, 1988.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHOO, Chun Wei. Information management for the intelligent organization: the art of scanning the environment. Medford, NJ: ASIS, 1995.

CRONIN, Blaise. Esquemas conceituais e estratégicos para a gerência da informação. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 19, n. 2, p.195-200, set. 1990.



CBBB  
ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
BIBLIOTECAS,  
INFORMAÇÃO E  
USUÁRIOS

XXV. CBBB • BIBLIOTECAS, INFORMAÇÃO, USUÁRIOS  
ABORDAGENS DE TRANSFORMAÇÃO PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
7 A 10 DE JULHO DE 2013 • FLORIANÓPOLIS - SC

DAVENPORT, Thomas H. Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

EATON, J. J.; BAWDEN, D. What kind of resource is inform? . International Journal of Information Management, v. 11, n. 2, p. 156-165, jun. 1991.

McGEE, James; PRUSAK, Laurence. Gerenciamento estratégico da informação: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como ferramenta estratégica. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

ROWLEY, Jennifer. What is information? Information Services & Use, v. 18, n. 3, p. 243-254, 1998.

SAVIC, Dobrica. Evolution of information resource management. Journal of Librarianship and Information Science, v. 24, n. 3, p. 127-138, sep. 1992.

VICKERS, Peter. Information management: selling a concept. In: Information management from strategies to actions. London: B. Cronin, 1985. p. 151-161.